

O Castelo de Castelo Melhor (Vila Nova de Foz Côa): algumas achegas para o seu estudo

Bruno M. Magalhães*

Palavras-chave

Medieval; Riba-Côa; restauro; muralha; barbacã.

Keywords

Medieval; Riba-Côa; reconstruction; walls; barbican.

Resumo

Durante o acompanhamento arqueológico desenvolvido no Castelo de Castelo Melhor (Vila Nova de Foz Côa) foram restaurados 13 tramos da muralha e foi feito o levantamento das estruturas existentes a ele associadas. A muralha foi construída com os xistos locais e com algumas inclusões de quartzos. Os grandes declives existentes no local são o fator principal que contribuiu para a irregularidade da muralha, que, em vários tramos, faz inflexões propositadas de forma a assentar em maciços de rocha base. A barbacã, cuja existência e configuração eram praticamente desconhecidas, foi registada numa grande extensão e admiravelmente bem preservada e delineada, pelo menos entre sul e oeste da muralha, com dois pequenos torreões associados e que terão servido como zonas de observação/vigilância. O espólio recolhido é escasso, não permitindo um melhor enquadramento cronológico do local. Os resultados deste trabalho apontam para as excelentes potencialidades de uma futura intervenção arqueológica, principalmente na zona imediatamente exterior à muralha.

Abstract

During the archaeological monitoring carried out in the Castelo Melhor Castle, 13 sections of its walls were restored and the existing structures associated with it were studied. The walls were built with the local schist, with rare inclusions of quartz. The slopes around the walls are the main contributing factors to the irregularity of its plan view, which, in several of its sections, inflects in order to reach solid rock. The barbican, a first line of defence ahead of the walls, was practically unknown to archaeologists before this excavation. The barbican was registered in a large extent and was remarkably well preserved between the south and west walls, with two small turrets which would have been used as observation/surveillance areas. The archaeological material recovered is scarce, and does not allow for a complete chronological framework of the site. The results of this study highlight the potential of a future archaeological excavation, especially in the area immediately outside the walls.

* Centro de Investigação em Antropologia e Saúde [Research Centre for Anthropology and Health], Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Vida.

1. Introdução

O acompanhamento arqueológico no Castelo de Castelo Melhor (Vila Nova de Foz Côa) decorreu entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015, no âmbito da empreitada *Trabalhos de conservação e restauro das muralhas de Castelo Melhor*, tendo sido promovida pela Direção Regional de Cultura do Norte.

O Castelo apresenta uma altitude máxima de 447 m, sendo que a freguesia de Castelo Melhor se localiza a norte, o Vale da Sapata se estende para oeste, o lugar do Carrascal para este e o lugar do Seixo, uma pequena elevação com a altitude máxima de 379 m, imediatamente a sul. O Castelo de Castelo Melhor implanta-se, assim, num cabeço destacado na paisagem e é dominado, num plano mais afastado, a noroeste, norte e nordeste, por várias elevações, sendo a de São Gabriel

a que mais se destaca, com altitude máxima 652 m. A oeste, sul e este é possível observar o terreno por várias dezenas de quilómetros, sendo, inclusive, visível Espanha, a este e sudeste. Em dias de melhor visibilidade são, também, observáveis as áreas mais altas da serra da Estrela, a sudoeste.

A freguesia de Castelo Melhor tem, atualmente, identificados pela Direção-Geral de Património Cultural¹, 35 sítios arqueológicos, a maior parte deles (18/35, 51,43%) associados a arte rupestre pré e proto-histórica. Aliás, de todos os sítios identificados, apenas cinco (5/35, 14,29%) não se enquadram naquelas cronologias: a Calçada da Penascosa (CNS: 11037), o Prado (CNS: 11036) e a Tapada da Penascosa (CNS: 11154), todos da época romana; o Castelo de Castelo Melhor (CNS: 11793), de época medieval; e finalmente a Quinta das Tulhas – Rocha 4, enquadrável em época moderna.



Figura 1. Implantação do Castelo, sobranceiro a Castelo Melhor, a partir da Capela de São Gabriel.

¹ Acessível em [www: <URL: http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>](http://www.patrimoniocultural.pt/pt/).

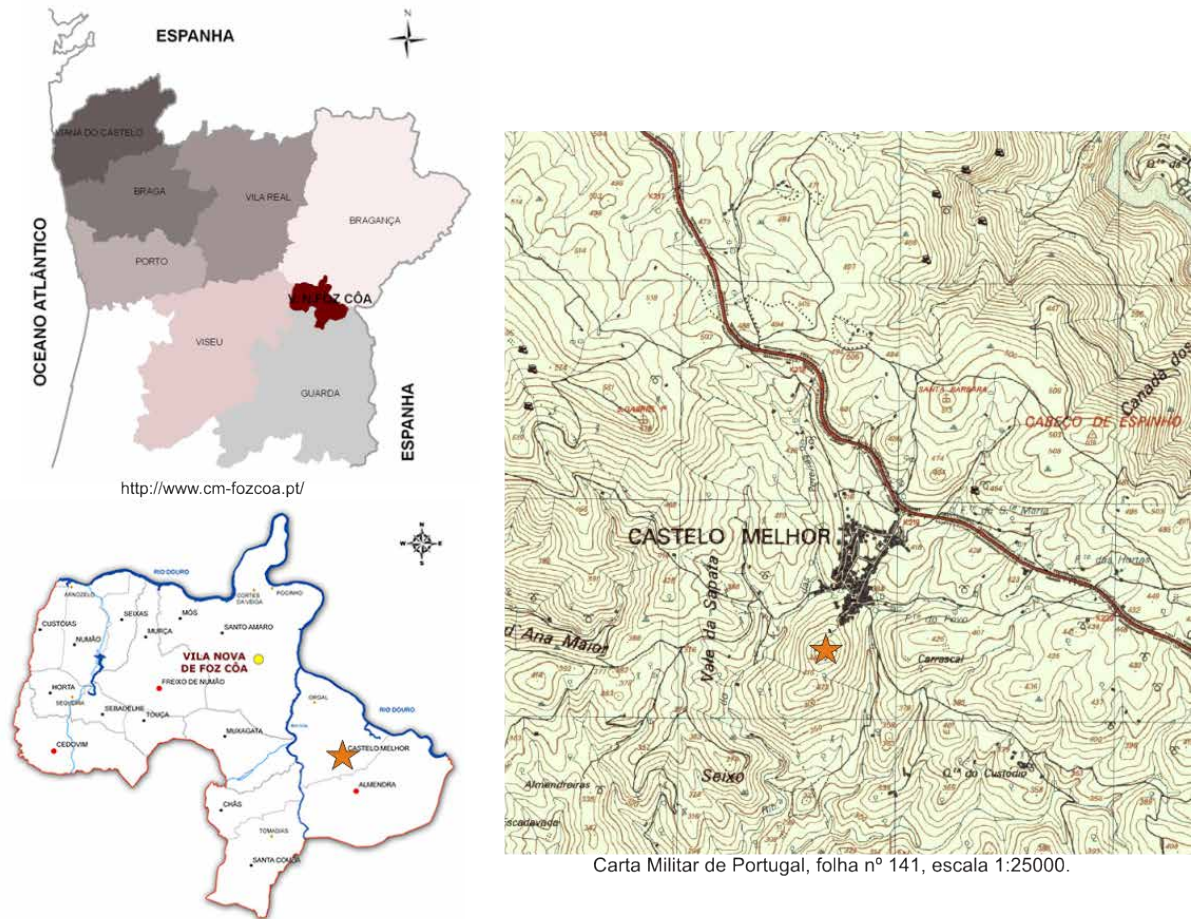


Figura 2. Localização de Castelo Melhor e respetivo Castelo no mapa. Fonte: Instituto Geográfico do Exército (Carta Militar de Portugal).

1.1. Castelo Melhor enquanto território de fronteira

Bem antes da fundação de Castelo Melhor, a primeira referência a comunidades cristãs estruturadas naquela zona é feita no *Paroquial Suévico*, redigido entre 572 e 582, quando é referida, na diocese de Viseu, a paróquia de *Calíbria*, localizada no Monte Calabre (sobranceiro à margem sul do rio Douro), em Almendra (Barroca, 2008-2009: 194-196), a poucos quilómetros de Castelo Melhor. Calábria iria ganhar uma importância crescente na região nos anos que se seguiram, sendo elevada mesmo a sede de diocese, pelo menos a partir de 633 (Barroca, 2008-2009: 194-196), embora outros autores refiram essa possibilidade alguns anos antes (Cosme, 2002: 133-134). É provável que a diocese ainda existisse aquando da invasão muçulmana, em 711, não

tendo, no entanto, sobrevivido muito mais tempo (Barroca, 2008-2009: 196). Posteriormente, é apenas referida em 1171, quando o povoado abandonado de Calábria é doado, por Fernando II (r. 1157-1188), ao bispado de Ciudad Rodrigo (Cintra, 1959: XLIX; Cosme, 2002: 134-135; Barroca, 2008-2009: 196). Na realidade, à ocupação muçulmana, em toda a área geográfica em que se insere este trabalho, apenas pode ser imputado um testemunho arqueológico evidente: a cisterna muçulmana de Castelo Rodrigo (Figueira de Castelo Rodrigo), atribuível ao século X, inícios do XI. Tudo o resto respeitante àqueles anos de ocupação é ainda muito desconhecido, apesar de vários documentos nos informarem sobre os avanços e recuos de cristãos e muçulmanos naquela área geográfica (Barroca, 2008-2009: 204-205).

A fundação de Castelo Melhor resulta da reorganização do território de Riba-Côa, feita pelo rei de Leão, Afonso IX (r. 1188-1230), já nas primeiras décadas do século XIII (Nogueira, 1983: 48; Dordio, 1998: 41-42). *Grosso modo*, entre 1171 e 1296-1297, a zona do Riba-Côa esteve sob domínio leonês, tendo os foros e costumes daquela vila sido outorgados, segundo alguns autores (Rosas e Barroca, 2000; Barroca, 2008-2009: 230), talvez em 1209 ou, segundo concluem outros, não antes de 1230 e até às décadas de 80 e 90 (Cintra, 1959: XCI-XCVIII; Diez, 1971: 354-358; Nogueira, 1983: 49). Por esta altura, Castelo Melhor encontrava-se numa zona de fronteira importantíssima e bastante instável. É neste campo de ação que se enquadra o Castelo de Castelo Melhor, quando os monarcas leoneses dotam de estruturas militares defensivas os principais e mais antigos núcleos de povoamento aí localizados (Barroca, 2008-2009: 230-231). A 12 de setembro de 1297, com o Tratado de Alcanizes, foi incluído nas vilas do Riba-Côa do reino de Portugal, depois da troca entre vários castelos e lugares ocupados naquela zona, por diversas vilas e castelos raianos (Moreno, 1997: 32-34). No ano seguinte, os seus foros, usos e costumes foram confirmados por D. Dinis (r. 1279-1325), tal como aconteceu noutros concelhos do Riba-Côa (Nogueira, 1983: 48; Dordio, 1998: 41; Rosas e Barroca, 2000).

1.2. O Castelo de Castelo Melhor

O Castelo apresenta uma pequena muralha, de contorno ovalado com cerca de 90 m x 70 m, construída em alvenaria de xisto, sempre à mesma cota, no interior da qual se localizaria a povoação (Dordio, 1998: 41; Mathias, 2000: 287; Rosas e Barroca, 2000; Barroca, 2008-2009: 231-232). A única porta de entrada encontra-se voltada a noroeste, próxima da qual, para norte, se destaca uma grande torre troncocónica, posteriormente adossada à muralha, no seu exterior (Barroca, 2008-2009:231; Dordio, 1998: 41; Rosas e Barroca, 2000). Esta estrutura enquadra-se num tipo de construção de torreões semicirculares, observados, para esta época de domínio leonês, na zona de Riba-Côa, em oposição aos tor-

reões de planta quadrada, observados em todos os castelos de iniciativa portuguesa, a ocidente do Côa (Barroca, 2008-2009: 231). Este torreão deverá ter sido construído na sequência da tentativa de melhoramento dos mecanismos de defesa do Castelo de Castelo Melhor, ou por Afonso IX ou já por Fernando III (r. 1230-1252) (Barroca, 2008-2009: 231).

Barroca (2008-2009: 221-229) refere ainda que, apesar da construção do Castelo se enquadrar, cronologicamente, em época românica, nunca deverá ter tido torre de menagem, ao contrário de outros castelos daquele âmbito regional, como os de Ranhados, Marialva, Longroiva (os três no concelho de Mêda) ou Sortelha (Sabugal), todos eles apresentando aquele que é o mais simbólico e importante contributo românico, no que diz respeito à arquitetura militar. D. Dinis terá melhorado profundamente o sistema de entrada no Castelo, sendo possível que a porta de arco apontado aí localizada seja já o resultado dessas obras (Dordio, 1998: 41-42; Rosas e Barroca, 2000). Barroca (1998: 812) refere mesmo que a intervenção de D. Dinis em Castelo Melhor se circunscreveu apenas à reformulação integral da porta de entrada, conservando o restante recinto amuralhado intacto. A porta passou a estar enquadada por dois torreões de planta quadrangular, conservando-se ainda o sistema de porta, munida de uma *herse* ou rastrilho, uma grade de descida vertical patente nos encaixes laterais (Barroca, 2008-2009: 235). Estas obras de D. Dinis no Castelo de Castelo Melhor enquadram-se num desígnio de maior atenção dada às fortificações de fronteira, em zonas mais vulneráveis, como é o caso das de Riba-Côa, mas também do Alto Alentejo e Beira Interior. No total, estão documentadas obras de D. Dinis em 57 fortificações, a maior parte entre 1288 e 1315, e com grande peso para as fortificações ao longo da raia (Barroca, 1998: 808-819).

1.3. A decadência do Castelo

A partir desta altura, não muito depois da assinatura do Tratado de Alcanizes, o Castelo terá iniciado a sua decadência, devido à perda da sua importância estratégica para Almendra. Terá

existido um abandono progressivo do povoado intramuros, formando-se um arrabalde no sopé do cabeço fortificado, em torno da Igreja de São Salvador (Dordio, 1998: 41-42; Rosas e Barroca, 2000). Neste contexto, e apesar de estarem documentadas obras nas defesas do Castelo de Castelo Melhor, a 10 de março de 1383 (Barroca, 2008-2009: 240), o mesmo terá sido gradualmente abandonado. A vila de Castelo Melhor aparece já, em 1320-1321, incorporada no termo de Castelo Rodrigo, sem qualquer tipo de autonomia municipal, o que demonstra, particularmente na perda de estatuto, uma clara evidência de decadência (Nogueira, 1983: 50-51; Dordio, 1998: 41-42; Rosas e Barroca, 2000). A isto não terá sido alheia a perda de importância para uma aldeia do termo, como era o caso de Almendra, de implantação aberta e com melhores relações regionais, que acaba por se tornar cabeça de concelho. Nesse particular, entre os anos de 1527 e 1532, é disso sintomático o número de moradores ou famílias existentes em cada um dos locais: 230 em Almendra e 32 em Castelo Melhor (Dordio, 1998: 41). Nesta altura, já Castelo Melhor e Almendra, que eram duas vilas durante o reino de Leão, são agora uma só no reino de Portugal. Para Nogueira (1983: 50-51), essa junção entre as duas povoações poderá ter acontecido em 1383, com a reorganização administrativa de D. Fernando (r. 1367-1383) em Riba-Côa.

Por outro lado, principalmente ao longo do século XV, as adaptações à pirobalística originam uma série de reformas góticas e tardo-góticas nos castelos da raia. Na zona entre Miranda do Douro e Sabugal são várias as reformas em vários castelos (por exemplo, nos de Freixo de Espada à Cinta, Longroiva, Pinhel ou Castelo Rodrigo), embora Castelo Melhor já não sofra qualquer tipo de alteração (Barroca, 2008-2009: 241-246). Este é mais um sintoma de que a sua importância estratégica se esvaíava rapidamente.

2. Objetivos e metodologia

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico foram realizados de forma presencial e a tempo inteiro, tendo em vista a integração de novas unidades de alvenaria de xisto em cor, tex-

tura, dimensões e acabamento semelhantes aos elementos existentes. Para além disso, a execução deste trabalho respeitou o alinhamento das fiadas já existentes. Foi também dada especial atenção aos tipos de argamassa utilizados, bem como às formas de travamento a introduzir, sendo que, sempre que foi verificada a existência de elementos irrecuperáveis ou irreversivelmente danificados, estes foram substituídos. Por outro lado, procurou-se garantir a total estabilidade de todos os elementos remanescentes, sendo proporcionada segurança para trabalhos posteriores e para o espaço público envolvente.

O registo arqueológico de campo seguiu as recomendações do modelo desenvolvido por Edward Harris (1989). Todos os trabalhos atrás referidos implicaram, ainda, um levantamento fotográfico exaustivo e detalhado da área de implantação do projeto e de toda a sua envolvente, particularmente as reconstruções, que foram sistematicamente fotografadas antes e depois de realizadas. Foram também sinalizadas, nas próprias fotos, quais as pedras utilizadas em cada uma das reconstruções. Os registos fotográficos foram efetuados em fotografia digital. Dada a implantação geográfica do local, foi tida em atenção a possível existência de gravuras nas pedras utilizadas durante todos os trabalhos de reconstrução.

3. Resultados e discussão

Foram restauradas 13 zonas ou tramos da muralha do Castelo de Castelo Melhor; infelizmente, e dadas as limitações financeiras e de recursos, ficaram ainda por terminar as zonas assinaladas em projeto como 2 e 9, que deverão ser incluídas em futura empreitada. Foi ainda realizada a limpeza da vegetação no interior da cisterna e tomaram-se medidas para a proteção de estruturas arqueológicas existentes no interior das muralhas, enquanto se desenvolviam os trabalhos de reconstrução. Finalmente, foi realizado o acompanhamento da utilização de todas as áreas de empréstimo de pedra para as reconstruções, assim como o levantamento de todas as estruturas visíveis associadas ao Castelo. Os resultados

aqui apresentados referem-se às ações de registo mais importantes desenvolvidas durante o acompanhamento.

3.1. As reconstruções da muralha

No contexto do projeto de acompanhamento arqueológico podemos dividir as reconstruções da muralha em dois tipos: as cinco assinaladas em projeto e as oito não assinaladas em projeto. Quanto ao primeiro tipo, referimo-nos às zonas 3, 4, 6, 7 e 8; quanto ao segundo tipo, referimo-nos às cinco zonas cujo restauro não estava inicialmente previsto – zonas 1, 10, 11, 12 e 13 – e ainda a três pequenos abatimentos no interior da muralha (A1, A2 e A3).

Em todas as zonas era, inicialmente, limpa a área a restaurar, essencialmente do derrube existente na área em questão. Foi assim que aconteceu em todas as áreas e praticamente todo o material recolhido (ver capítulo 3.4.) é proveniente da limpeza destes derrubes. Esta limpeza era realizada com o intuito de chegarmos a uma base segura para o início da reconstrução. Nas áreas 4,

7, 8, 10, A1, A2 e A3, essa base foi a própria muralha, a partir do nível que não tinha ainda sido derrubado; nas zonas 3, 6, 11, 12 e 13, a base foi parcial ou totalmente a rocha base.

Quanto à matéria-prima utilizada nas reconstruções, proveio de várias áreas de empréstimo, que podemos resumir em duas áreas gerais: a área da pedreira, localizada no interior do Castelo, e todas as restantes áreas onde tínhamos pedra de estruturas derrubadas no interior daquele. Neste particular, eram normalmente utilizadas as pedras provenientes dos derrubes da muralha que estavam a ser reconstruídos ou, em alternativa, de outros muros derrubados no interior da mesma. Dada a implantação geográfica do local (com o núcleo de arte rupestre da Penascosa (Castelo Melhor) do Vale do Côa ali ao lado), foi tida em atenção a possível existência de gravuras nas pedras utilizadas durante todos os trabalhos de reconstrução. Não foi encontrado qualquer tipo de gravura. Os resultados de algumas das reconstruções da muralha podem ser observados nas figuras 6 a 11. Para além dos tramos de muralha, a zona 1 incluiu alguns pequenos restauros da zona

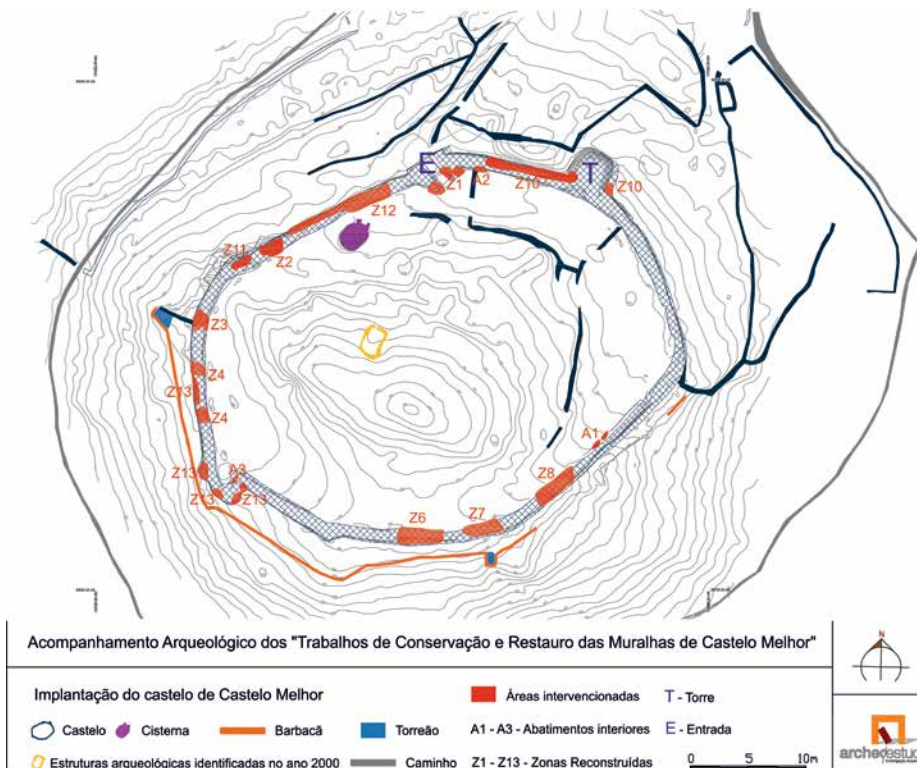


Figura 3. Planta do Castelo de Castelo Melhor e de todas as reconstruções realizadas. Fonte: Archeo'Estudos, Lda.



Figura 4. Trabalhos de escavação do derrube da muralha, no início da reconstrução da zona 6.



Figura 5. Aspecto geral da pedreira localizada no interior das muralhas e utilizada como área de empréstimo principal.



Figura 6. Zona 3 antes do início da reconstrução da muralha.



Figura 7. Zona 3 depois da reconstrução da muralha (assinalada com [302]). São também identificadas as reconstruções: a atual (assinalada com [303]) e a mais antiga (assinalada com [304]).



Figura 8. Zona 6 antes da reconstrução.



Figura 9. Zona 6 depois da reconstrução (assinalada a amarelo).

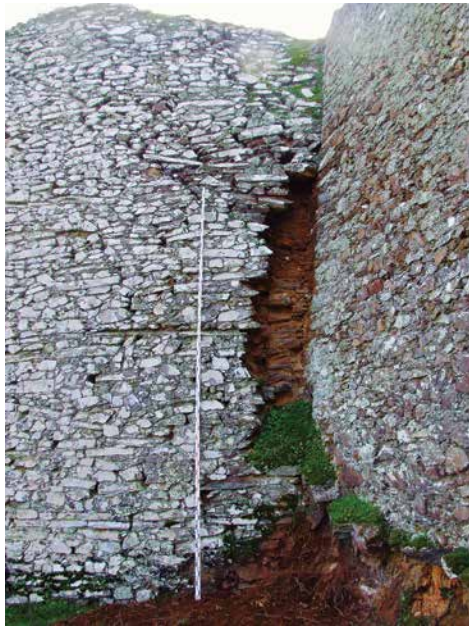


Figura 10. Parte da zona 10 antes do início da reconstrução.



Figura 11. Zona 10 depois da reconstrução (assinalada a amarelo).

da entrada, enquanto a zona 10 incluiu o restauro de parte da torre troncocónica adossada à muralha, a nordeste.

3.2. A muralha

A muralha, recuperada durante os trabalhos atrás descritos, é um dos poucos vestígios que, aparentemente, restam do Castelo de Castelo Melhor, apesar de apresentar bastantes tramos em muito mau estado de preservação. De facto, já Michael Mathias, aquando de uma pequena intervenção arqueológica realizada no interior do Castelo, no ano 2000, refere que o seu estado “(...) é mau, existem fissuras nas paredes da porta, buracos no interior, brechas de vários metros de largura e danos nas fundações (...)”, afirmando ainda que “(...) parece que há séculos não levou intervenção alguma” (Mathias, 2000: 287). Já na altura, o investigador alertava para a necessidade de uma intervenção urgente no Castelo, de forma a travar a sua destruição e a criar condições de segurança para os visitantes. Ainda no ano anterior, Coixão (1999: 177) é mais contundente ao afirmar que “(...) o estado de conservação [do Castelo] é medíocre”.

Originalmente, a muralha foi quase totalmente construída com xistos, localmente abundantes, com algumas inclusões de quartzos, cujos filões são também observáveis por entre a rocha base local. Quanto ao ligante utilizado, caracteriza-se como uma terra argilosa, com pequenas inclusões de xistos, quartzos, fragmentos cerâmicos, material de construção e até pequenos fragmentos de escória.

Um olhar mais próximo e atento aos panos de muralha do Castelo de Castelo Melhor explica algumas das irregularidades facilmente observáveis na sua planta. E o fator que mais terá influenciado essa irregularidade terá sido o enorme declive existente um pouco por toda a área onde a muralha foi construída. Nesse sentido, facilmente se percebe que a muralha ora assente no solo geológico suficientemente compacto, ora assente na rocha base. A preferência por esta última é particularmente observável em determinadas inflexões, propositadamente executadas de forma a que um determinado tramo da muralha assente diretamente nos maciços de rocha base. A zona 4, localizada a oeste, é um exemplo perfeito de uma dessas inflexões; mais a sul, é observável um outro exemplo de uma inflexão bem mais pronunciada.



Figuras 12 e 13. Inflexões na muralha, de forma a ser conseguida sustentação nos maciços de rocha base.

Finalmente, aquando do início do acompanhamento arqueológico, eram já observáveis algumas reconstruções da muralha. Um bom exemplo é aquele localizado na zona 3. Aqui, para além da reconstrução realizada no âmbito deste trabalho (e já descrita atrás), uma reconstrução mais antiga é observável ao longo de, pelo menos, 6,28 m no interior da muralha, precisamente no local novamente derrubado para a reconstrução agora realizada.

3.3. A barbacã

A muralha e as estruturas que se localizam no seu interior não são, no entanto, os únicos vestígios daquilo que foi o Castelo de Castelo Melhor. A barbacã é outra das construções que nos parece evidente e que continua a persistir à destruição dos vários séculos, desde a sua construção. Apesar de quase desconhecida na atualidade, Pinho Leal (2006: 181) faz-lhe já uma pequena referência no ano de 1874, descrevendo que “(...) em um alto, fóra da villa, está um castello com uma barbacan (...)”. Mais recentemente, Mathias (2000: 287) refere que, entre a porta do Castelo e a torre existente a norte, se conservam restos de um muro baixo, exterior, de reforço da muralha. Refere ainda que estruturas semelhantes se encontram em frente das muralhas, a sul do Castelo, provavelmente associadas à barbacã.

Quanto à estrutura identificada por Michael Mathias a norte, não a conseguimos localizar. No entanto, a prospeção que realizámos no terreno evidenciou uma estrutura que se encaixa na caracterização tradicional de uma barbacã, tendo sido identificada junto à muralha do Castelo, entre as reconstruções das zonas 3 e 8, isto é, numa grande extensão entre este e sul da muralha.

Para norte/noroeste, apenas uma intervenção arqueológica poderia dar-nos mais informações sobre se poderão existir ainda alguns vestígios. Os primeiros vestígios são, assim, evidentes a partir da zona 3, com início no local onde foi registada uma estrutura em forma de um pequeno “torreão” semiretangular, com a distância máxima da muralha de cerca de 8,35 m. Esta estrutura representa uma inflexão da própria barbacã, que aproveita um maciço de rocha base para se desenvolver a partir daí em direção a sudoeste, solução que, como vimos atrás, é também observável na muralha e tem como objetivo dar uma base mais consistente às estruturas.

Esta estrutura, que deverá ter funcionado como área de observação/vigilância, tem um fantástico domínio visual sobre o vale onde se desenvolve a povoação de Castelo Melhor, isto é, desde norte/noroeste, até oeste e sudoeste.

A partir da zona do pequeno “torreão” descrito, a barbacã desenvolve-se para sudoeste, com cerca de 3,5 m de distância máxima à muralha, chegando à zona 4 com cerca de 3,3 m. Seguin-



Figura 14. Pormenor do "torreão" em perfil, cuja estrutura ainda persiste relativamente bem delimitada.



Figura 15. Em primeiro plano, vestígios da barbacã, junto à zona 4.



Figura 16. Alçado da barbacã.



Figuras 17 e 18. Alçados da barbacã, com a muralha em segundo plano.



Figura 19. Limites da barbacã e respetivo “torreão”, junto à zona 7 (limites exteriores assinalados a amarelo), e vestígio de muro mais recente de separação de propriedades (assinalado a azul).

do para sul, a barbacã apresenta a sua menor distância à muralha, na zona do cubelo sudoeste da muralha, com cerca de 2,15 m. Aí, e uma vez que a muralha inflete para o seu interior, a distância à barbacã aumenta bastante, chegando a apresentar a distância máxima de 6,3 m, já em direção à zona 6, localizada a sul. A partir daqui, a distância máxima à muralha diminui de novo, com cerca de 3,27 m junto à zona 6, 3,2 m junto à zona 7 e, entre as zonas 7 e 8, com 2,85 m, onde termina com cerca de 2,8 m de distância máxima. Os vestígios claros da barbacã terminam, assim, junto à zona 8, a sudeste, apesar de, em frente à zona 9 existir um pequeno vestígio de uma estrutura que poderá ainda pertencer-lhe. Mais uma vez, apenas uma intervenção arqueológica poderia dissipar dúvidas. Mais para norte não foram identificados quaisquer vestígios. Isto poderá significar que ela não existiu nessa área; no entanto, como estas são as zonas mais agricultadas junto à muralha, de declive menos pronunciado, é possível que esteja aqui mais destruída.

Para além disso, foi identificado, em frente à zona 7, a sul, outro “torreão”, em tudo idêntico ao anteriormente descrito. Mais uma vez, é aproveitado o maciço de rocha base, para o qual é feita uma inflexão na barbacã, apresentando também uma planta semiretangular, com a distância máxima à muralha de cerca de 7,8 m. Tal como o “torreão” descrito a este, tem um domínio visual



Figura 20. Pormenor do alçado do “torreão”, junto à zona 7.

incrível, na continuação do vale da povoação de Castelo Melhor, precisamente onde era visualmente perdido pelo “torreão” anterior. Isto demonstra um planeamento prévio óbvio na sua construção, como apoio essencial à estrutura amuralhada.

De assinalar ainda que, apesar de o aparelho ser um pouco mais “tosco”, quando comparado com o da muralha, o ligante utilizado é idêntico, caracterizando-se como uma terra argilosa, com pequenas inclusões de xistos e quartzos, para além de pequenos fragmentos de material de construção.

3.4. O espólio recolhido

Infelizmente, o espólio recolhido foi escasso e quase todo proveniente dos derrubes reconstruídos dos panos da muralha, para além de alguns fragmentos descontextualizados, provenientes de recolhas de superfície. Durante todo o acompanhamento arqueológico foram recolhidos 16 fragmentos cerâmicos, um fragmento de mó, um possível fragmento de soleira de porta e um fragmento de escória.

Salientamos a cerâmica recolhida, com 14 pequenos fragmentos de cerâmica comum, um fragmento de *tegulae* e uma possível patela de jogo. De destacar a presença de *tegulae*, normalmente associada à cobertura de habitações da época romana. Apesar de serem necessários mais

| Zona | U.E. | Material | Descrição |
|-----------------------|--------|-------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | [101] | Cerâmica comum | - Fragmento de bojo indeterminado com pasta alaranjada; - Fragmento de asa de recipiente indeterminado com pasta alaranjada; |
| 1 | [101] | Cerâmica comum | - Fragmento de fundo indeterminado com engobe de tonalidade bege/alaranjada e pasta cinza clara; |
| 3 | [301] | Cerâmica | - Paleta de jogo (?); |
| 4 | [401] | Cerâmica comum | - 5 fragmentos de cerâmica comum, pertencentes ao mesmo recipiente indeterminado, com pasta negra e engobe vermelho/alaranjado; |
| 6 | [601] | Cerâmica | - Fragmento de <i>tegulae</i> de pequenas dimensões; |
| 6 | [601] | Xisto | - Soleira com encaixe para a porta; |
| 6 | [601] | Cerâmica comum | - Fragmento de fundo e bojo de alguidar (?) com engobe e pasta de cor vermelha/alaranjada; |
| 8 | [801] | Cerâmica comum | - Fragmento de bordo de peça indeterminada de cerâmica fina vermelha/alaranjada com carena; - Fragmento de bojo indeterminado com engobe de tonalidade bege/alaranjada e pasta cinza clara; |
| 12 | [1201] | Granito e Escória | - Fragmento de mó circular; - Fragmento de escória, recolhido durante a prospeção junto à zona 9, no interior da muralha do Castelo; |
| Recolha de superfície | | Cerâmica comum | - Fragmento de bojo de talha com pasta vermelha/alaranjada; - Fragmento de bojo de recipiente indeterminado com pasta vermelha/alaranjada; - Fragmento de bojo de recipiente indeterminado com pasta vermelha/alaranjada e decoração geométrica. |

Quadro 1. Espólio recolhido durante o acompanhamento arqueológico da reconstrução das muralhas do Castelo de Castelo Melhor.

elementos arqueológicos e de serem mais bem contextualizados para comprovarmos uma presença anterior à conhecida em Castelo Melhor, já Mathias (2000: 293) referia a recolha de *tegulae* em local próximo do Castelo. Para além disso, é também importante referir a completa ausência de faiança, o que está de acordo com a progressiva perda de importância e abandono de que o Castelo foi alvo depois da assinatura do Tratado de Alcanizes. Um último apontamento ao facto de, apesar de Coixão (1999: 177) referir a identificação, em prospeções no Castelo, de “(...) uma

Necrópole tardo-Medieval, com sepulturas do tipo caixote (...), não nos ter sido, infelizmente, possível a sua localização mais precisa. Mais uma vez, apenas uma intervenção arqueológica de fundo permitirá caracterizar, de forma fidedigna, os vários níveis ocupacionais existentes no local.

Agradecimentos

À Archeo’Estudos, Lda., a Paulo Lemos, a Kelly Blevins e a José Fernandes Paulo, Presidente da Junta de Freguesia de Castelo Melhor.

Bibliografia

- BARROCA, M. J. (1998) – D. Dinis e a arquitectura militar Portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto. 15, p. 801-822.
- _____ (2008-2009) – De Miranda do Douro ao Sabugal – Arquitectura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira. *Portugália*. Porto. Nova série, 29-30, p. 193-252.
- CINTRA, L. F. L. (1959) – *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo: seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 395 p.
- COIXÃO, A. N. S.; TRABULO, A. A. R. (1999) – *Por terras do concelho de Foz Côa: subsídios para a sua história e inventário do seu património*. 2.^a edição. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 451 p.
- COSME, S. M. R. (2002) – *Entre o Côa e o Águeda: povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 170 p. Dissertação de Mestrado em Arqueologia.
- DIEZ, G. M. (1971) – Los fueros de la familia Coria Cima-Coa. Separata da *Revista Portuguesa de História*. Coimbra. Tomo XIII, p. 343-373.
- DORDIO, P. (1998) – Centros de povoamento: um percurso pelas vilas medievais. In LIMA, A. (coord.) – *Terras do Côa, da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Guarda: Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, p. 13-73.
- HARRIS, E. (1989) – *Principles of archaeological stratigraphy*. 2.^a ed. London: Academic Press, 169 p.
- LEAL, A. S. d'A. B. de P. (2006) – *Portugal antigo e moderno. Dicionário geográfico, estatístico, chorográfico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas, e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Braga: Barbosa & Xavier, Lda., Volume II, 494 p. Facsimile de “Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1874”.
- MATHIAS, M. (2000) – O projecto: o castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda – Investigação arqueológica e estudo de conservação/recuperação. *Beira Interior – História a Património*. Actas das I Jornadas da Beira Interior. Guarda. p. 287-300.
- MORENO, H. B. (1997) – Relações entre os reinos peninsulares (1290-1330). *Anales de la Universidad de Alicante*. Historia Medieval (AUA.HM). Alicante. 11, p. 29-41.
- ROSAS, L. M. C.; BARROCA, M. J. (2000) – *Do Douro Internacional ao Côa: as raízes de uma fronteira* [CD-ROM]. Porto: Instituto de Documentação Histórica da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Cartografia

- CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHA 141 [Material cartográfico] / Serviços Cartográficos do Exército – Escala 1: 25 000. – Lisboa: S. C. E., 1970.

